

# Otaviano e a conquista do Egito em representações emitidas por moedas da Península Itálica, em 28 A.E.C.<sup>1</sup>

Carlos Eduardo da Costa Campos

## RESUMO

As moedas formam um conjunto precioso de indícios históricos sobre a dinâmica social, religiosa, econômica e política romana. Assim, o nosso diálogo será realizado com a numismática romana, cujas preocupações estão centradas nas moedas produzidas por Roma, no decorrer da República e do Império. Em nossa concepção, as moedas funcionavam como um instrumento de propaganda política, assim como de organização das hierarquias e da ordem social. Com isso, as moedas por sua circulação podem ter sido usadas para a legitimação política de Otaviano. Para materializarmos essa perspectiva, debateremos sobre as representações numismáticas de Otaviano, que foram produzidas em 28 A.E.C., as quais ressaltavam o seu feito como agente conquistador do Egito, em 30 A.E.C.

## PALAVRAS-CHAVE

Moedas, Otaviano, poder.

# A

s moedas<sup>2</sup> são ricas fontes de evidências históricas, as quais possuem capacidades multidimensionais para os estudiosos compreenderem eventos que ocorreram tanto em eras antigas e medievais, bem como nas sociedades contemporâneas. Em nossa pesquisa, por exemplo, notamos que as cunhagens efetuadas em Roma contêm indícios sobre questões da dinâmica social, religiosa, econômica e política, possibilitando-nos traçar uma cronologia dos magistrados e imperadores romanos. É interessante verificar que o estudo das moedas também configura-se em uma área de pesquisa científica, a qual é denominada de numismática.<sup>3</sup> Seu objetivo de análise é o estudo das moedas através de suas diversas composições e interfaces com o meio social. Entre as variadas ramificações dessa área de pesquisa, pontuamos que o nosso diálogo será realizado com a numismática romana, cujas preocupações estão centradas nas moedas produzidas por Roma, no decorrer da República e do Império (MEADOWS, 2009, p. 48-58).

Ressaltamos que esse campo de reflexão possui importantes publicações realizadas ao longo do séc. xx. Entre tais obras, indicamos os catálogos elaborados por Herbert A. Grüber, em *Coins of the Roman Republic in the British Museum*, que foram publicados em três volumes em 1910 e reimpressos em 1970; as pesquisas de Harold Mattingly, em *Coins of the Roman Empire in the British Museum*, publicadas em seis volumes em 1923; o trabalho do numismata Michael H. Crawford, em *Roman Republican Coinage*, editado em dois volumes em 1974; os treze volumes da obra *The Roman Imperial Coinage* elaborados entre os anos de 1923-94 pelos pesquisadores C.H.V. Sutherland e R.A.G. Carson, publicados em 1990; para encerrar citamos a obra *Coins of the Roman Empire*, publicada por Robert A.G. Carson em 1990. Tal *corpus* documental forma um conjunto precioso de fontes que se encontram estabelecidas e catalogadas, fornecendo as bases para novas interpretações sobre a circulação de fortunas, ideias, práticas culturais e poderes em Roma.

Intriga-nos analisar as representações<sup>4</sup> inseridas nas moedas emitidas em Roma em 28 A.E.C., pois temos como pressuposto que esses objetos metálicos remetiam-se ao então cônsul Otaviano em seu processo de legitimação sociopolítico. Nosso recorte tange aos possíveis significados contidos nas linguagens monetárias sobre o

poder de Otaviano<sup>5</sup> durante e após as Batalha do Ácio e Alexandria. Partilhamos da perspectiva de Andrew Wallace-Hadrill, de que essas vitórias de Otaviano sobre Marco Antônio e Cleópatra VII formam um conjunto de eventos com maiores dimensões sociais que apenas uma conquista sobre dois rivais políticos para os partidários de Otaviano em Roma. Assim, em nossas análises percebemos que esses fatos históricos representaram mudanças significativas em vários aspectos políticos e socioculturais no mundo romano. Essas modificações tiveram principalmente como base a capacidade de Otaviano e suas *redes de colaboração sociopolíticas* construírem um discurso de defesa do *mos maiorum*<sup>6</sup> romano, para unir os múltiplos interesses de seus povos em torno de si.

Não podemos deixar de mencionar que os inimigos nesse embate eram elaborados discursivamente como forças caóticas para Roma, devido ao modelo de organização político-social e religioso característicos do Egito. Nesse caso, retomamos propriamente as figuras de Marco Antônio e Cleópatra VII. Afinal, apesar de Antônio ser um cidadão romano, o mesmo era acusado, por Otaviano e suas redes, de vivenciar uma vida ao estilo nilótico. Na poesia de Horácio, vemos uma exacerbada disforização das personalidades dos referidos amantes, tanto que o poeta os denominou como “[...] vulgo infiel e a meretriz perjura para trás se rendem” (*Odes*, I, 35, v. 25). Uma forte conotação pejorativa pode ser verificada nessa frase que se remete ao casal que rivalizou com o poder de Otaviano.

Apesar dos debates que existem sobre os usos políticos da poesia horaciana a serviço de Otaviano, não devemos esvaziar seu valor de representação das concepções de alguns grupos de cidadãos de sua época. Suetônio, por exemplo, em seus escritos, retrata possíveis visões sobre Marco Antônio, as quais eram recorrentes em Roma ainda no séc. II A.E.C. Na *Vida do Divino Augusto*, Antônio é abordado como um homem corrompido e degenerado em seus padrões de comportamento civis, ao ponto de fazer um testamento deixando possessões romanas para os seus filhos com Cleópatra. Essa questão integra um dos diversos pontos que criticavam sua proximidade com a sociedade nilótica, por essa ser uma monarquia com um estilo imbricado do helenístico com o egípcio, bem como seu modo de lidar com as coisas públicas, considerando-o como um degenerado em relação à forma como um cidadão romano deveria agir em suas

relações políticas (*Suetônio, Vida do Divino Augusto, XVII*).

Ressaltamos que esse impasse produziu tensões e conflitos entre Otaviano, Antônio e Cleópatra VII, os quais findaram com um êxito bélico de Otaviano e seus apoiadores, portanto, um êxito de Roma, com a promessa da paz e novos tempos. Não devemos esquecer que a paz tornava-se um sonho constante entre os cidadãos legionários, seus parentes e aqueles que sofriam com o caos gerado pelas guerras no decorrer de todo séc. I A.E.C. Também, vale ressaltar que o triunfo em Ácio não deve ser pensado estritamente como o início das atividades políticas de Otaviano para interpretarmos o ápice de seu *processo de apoderamento político*<sup>7</sup>. A referida trajetória se desenvolvia desde a morte de Júlio César, mediante a inserção de Otaviano entre os agentes do poder romano. Contudo, com a eliminação de seu maior rival, Otaviano conseguiu o espaço necessário para consolidar seus objetivos políticos, que vinham em marcha desde 44 A.E.C., edificando, desse modo, uma nova ordem social a qual ganhou a adesão da sociedade, por corresponder a seus possíveis interesses.

Andrew Wallace-Hadrill (2012, p. 1) argumenta que a conquista de Otaviano sobre o Egito acarretou diversas intervenções no *imaginário social*<sup>8</sup> da época, podendo ser identificadas tanto na documentação de cunho literário, quanto na esfera do que consideramos como cultura material. Tais empregos refletiam provavelmente as ações de legitimação do poder pelas redes de Otaviano, os quais visavam situa-lo como o responsável pela salvação ou restauração de Roma frente à trajetória de destruição que a mesma vivenciou durante as guerras civis ao longo do séc. I A.E.C. Ao recorrermos a Bronislaw Baczko (1985, p. 300), indicamos que esse conflito discursivo no âmbito pessoal se reflete no plano do *imaginário social*, com a elaboração de dispositivos capazes de atingir o objetivo dos agentes em divergência. Logo, em momentos de disputa, os concorrentes se utilizam da disforização da imagem do seu adversário, com o intuito de torná-lo ilegítimo perante o meio social; ao mesmo tempo, procuram uma forma de euforizar a sua própria figura perante o grupo, visando com isso legitimar a sua autoridade. Quando aplicamos essas concepções para Otaviano, notamos o repertório recorrente de seus feitos e conquistas em prol de Roma. Esses pontos podem ser averiguados na poesia de Horácio, quando

esse poeta cita: “Regresses tarde ao céu e permaneças, por muito tempo ainda entre nós, O povo de Quirino, e, exasperado com os nossos crimes, não sejas levado; Por alguma aura mais veloz” (*Odes*, I, 2, v. 45). Logo, Otaviano configurasse na poesia horaciana como o redentor romano, o qual tinha a aprovação dos cidadãos para executar seus feitos na *Vrbs* e nas áreas provinciais.

O próprio Otaviano, em suas *Res gestae*, sinaliza para as possíveis redes de colaboração sociopolíticas que ele teria formulado entre os vários segmentos da sociedade romana, ensejando um clima de concórdia na época do confronto com Marco Antônio e Cleópatra VII. A assertiva pode ser observada no seguinte trecho: “A Itália inteira fez, espontaneamente, um juramento de lealdade a mim e exigiu-me comandante da guerra que venci em Ácio” (*Res gestae*, xxv). Logo, os novos arranjos do cenário político não significavam apenas meras alternâncias de governantes, mas sim um novo sentido para se pensar aquilo que Roma foi e o que ela viria a ser através da sua reestruturação, após todos os conflitos do séc. I A.E.C.

Baseados nas reflexões acima, postulamos que o poder institucionalizado ou em vias de institucionalização necessita da formulação de bases sólidas para a sua preservação ao longo dos tempos. Desse modo, a nova ordem de Otaviano tinha como intuito assegurar a sua governabilidade. Para isso, ele elaborou um novo repertório carregado de símbolos em diversos suportes, os quais refletiam a modificação cultural que os romanos vivenciavam em seus valores cotidianos. Ao recorrermos aos pesquisadores Andrew Wallace-Hadrill e Paul Zanker verificamos que o uso de imagens promovidas por Otaviano foi uma constante durante o seu regime. Essa prática emergiu como uma característica central da sua autocracia, com o intuito de monopolizar grande parte dos símbolos de autoridade romana. Os autores pontuam que essas imagens desvelam o seu projeto de legitimação no poder naquele período (WALLACE-HADRILL, 1986, p. 66-87; ZANKER, 1992, p. 35). As moedas refletem normalmente em seu corpo físico o valor de uma medida e a autoridade impressa de quem as emitiu. Assim, a propagação da efígie de Otaviano era o sinal mais latente que podemos observar quanto à demarcação do seu regime em nosso *corpus* documental.

Para observarmos os tipos de moedas emitidas por Otaviano na Península Itálica, analisamos o recorte estimado entre 32 e 27

A.E.C., a partir do catálogo de C.H.V. Sutherland e R.A.G. Carson, no volume 1, do livro *The Roman Imperial Coinage* (1984), de sua segunda edição. Assim, formamos o nosso *corpus* documental com um total de 199 moedas de denário e áureo. Salientamos que no contexto da Batalha do Ácio e posterior luta pela consolidação política de Otaviano, o suporte metálico mais utilizado foi o denário, que era composto de prata, totalizando assim cento e setenta e nove objetos. Outra forma de suporte perceptível nesta mesma obra foi o áureo com um total de vinte objetos encontrados para este período.

Michael Crawford (1985, p. 256-280), Christopher Howgego (1995, p. 39-60) e David Sear (2000, p. 17-26) endossam nossa perspectiva do denário como uma das moedas que mais propagaram a imagem de Otaviano entre 32<sup>o</sup> e 27 A.E.C., pela sua alta circulação entre os cidadãos. Isso não apenas na Península Itálica, mas também nas áreas provinciais. Tais apontamentos podem denotar o raio de ação por via das trocas comerciais, visto que o denário era uma moeda de uso frequente. No que tange ao áureo, por seu valor em ouro, era uma moeda importante para as trocas comerciais, assim como para a captação de recursos e demonstração de poder. Naquele momento, cunhar em áureo imagens que remetesse a Otaviano poderia significar interesse pela difusão política, principalmente entre os meios abastados. Logo, esses receptores podem ser pensados como amplos, afinal englobavam diversas regiões da *Vrbs* e das províncias. Ademais, essa recepção das moedas pelo público nas múltiplas cidades romanas ocorria pela necessidade das próprias trocas de diversos tipos,<sup>10</sup> tais como: aquisições de artefatos de luxo, material para o cotidiano das casas, produtos agrícolas e alimentícios, sem nos esquecermos de sua funcionalidade para a cobrança de impostos, remunerações, créditos e até mesmos os pagamentos e/ou jogos envolvendo a prostituição. Assim, é notório que havia uma grande interação dos cidadãos e não-cidadãos com as moedas.

Ao analisarmos os signos e legendas contidos nas moedas podemos compreendê-las como imagens, as quais são construídas e formuladas sistematicamente. Ao estudarmos essas construções imagéticas, o apoio da análise semiótica torna-se vital para observarmos a lógica contida nessa elaboração por meio do seu conjunto (DIAS, 2009, p. 38-40). Afinal, convergimos com a percepção de François Lissarrague (1990), Claude Berard (1983, p. 5-37) e

Vagner Carvalheiro Porto (2007, p. 92-100) de que toda imagem contém um repertório de signos, e para conhecermos os significados dessa imagem, torna-se necessário observar as unidades mínimas de forma articulada com o todo. Pois, sabemos que tais itens contidos nas imagens formam um discurso e que as imagens possuem um significado e uma profundidade em sua historicidade. Esse viés de análise de Lissarrague e Bérard aproxima-se ao proposto pela renomada numismata Maria Caccamo Caltabiano (CACCAMO CALTABIANO, 1995, p. 33-40). Ela argumenta que a junção dos signos com as legendas forma um importante emaranhado discursivo, os quais não devem ser estudados em separado, pois são vitais para nossa interpretação durante uma análise iconográfica do campo numismático.

Para estabelecermos nossos caminhos de reflexão iconográfica, optamos pela proposta de Christopher Howgego. Nossa seleção deve-se ao estabelecimento de um método semiótico – criado por Howgego na obra *Ancient History from Coins* (1995) – apropriado para as possibilidades de leituras das imagens das moedas oficiais. Seu pressuposto é o de que a junção entre os signos e as legendas forma uma linguagem que demonstra a manifestação do poder, a qual pode ser de utilidade para os pesquisadores que analisam o campo político e cultural (HOWGEGO, 1995, p. 39-60). Para o autor, uma análise significativa deve tentar entender o sentido da iconografia contido em tais cunhagens. Afinal, o conjunto imagético formula uma linguagem que deve ser passível de compreensão pelos receptores, posto que as moedas romanas da República e do Principado, como outros monumentos do período, refletiam a autoimagem das grandes famílias dirigentes.

Christopher Howgego (1995, p. 39-60) menciona que essas tentativas de transmitir uma grande variedade de temas conduziram ao desenvolvimento de uma linguagem visual complexa nas moedas da República Romana Tardia e que permearam o período de Otaviano. Formas que adquiriram relevância foi o uso de personificações políticas e de símbolos abstratos que remetiam a estas personalidades ou a determinados assuntos que se desejava que fosse divulgado. Então, essa multiplicação de tais símbolos permitia a criação de uma linguagem que ratificava um programa político que podia ser transportado em uma única moeda pequena para várias

regiões da Península Itálica e do Mediterrâneo, como foi feito por Otaviano (ZANKER, 1992, p. 76-80). Compreendemos essa linguagem como uma construção política que era compreendida pelos receptores, tornando-se possível inferir que em tais objetos metálicos expressavam-se os interesses dos segmentos dirigentes da sociedade romana, assim atuando como um veículo propagador das hierarquias e das relações de poder<sup>11</sup>. A linguagem monetária torna-se, em nossa visão, um texto-vivo, o qual detém forte impacto na sociedade pelo seu uso cotidiano e o qual auxilia na produção de uma hegemonia social.

Um repertório referente a Otaviano e que possivelmente vincula-se ao seu sucesso sobre Marco Antônio e Cleópatra VII na Batalha do Ácio é o do Egito capturado (*AEGVPTO CAPTA*), no ano de 28 A.E.C. Tomando Howgego como nossa fundamentação teórico-metodológica, frisamos que esse assunto se insere no tema das imagens imperiais e na legitimação do poder. As imagens em moedas apresentam não somente a legitimidade dos agentes políticos como também a concepção de vitória destes, cristalizando mesmo o pensamento do direito romano de governar o mundo. Nesse sentido, uma gama de signos triunfais e de subjugação remete a esse tema. Para Howgego (1995, p. 39-60), isso fica evidente quando observamos os povos e regiões sendo mostrados como derrotados, assim como se ajoelhando diante de notórios símbolos de poder romano, ou, com elementos que indiquem sua condição de subordinação e a de vitória do outro.

Esse repertório possui um total de dez recorrências no suporte de denário na Península Itálica. Em nossa prancha de análise 29, a qual possui registro no RIC I (275-A), vemos no anverso da moeda a efígie de Otaviano virada para a direita e na prancha 30 (RIC I 275-B), a cena repete-se com a efígie direcionada para à esquerda. Atrás das efígies há um *Lituus*. Segundo Seth W. Stevenson e Frederic Madden, em *A dictionary of Roman Coins, Republican and Imperial* (1889, p. 520), o *Lituus Augurum* é um acessório em forma de báculo curto. Geralmente, o áugure era seu portador, segurando-o na mão enquanto estava fazendo os rituais sagrados. Os referidos autores pontuam que o mesmo instrumento aparece em moedas de Júlio César, Marco Antônio, Lépido, Augusto e Calígula. No reverso destas moedas, encontramos a mesma imagem de um Crocodilo em pé virado para a

direita. Stevenson e Madden (1889, p. 296) pontuam que o Crocodilo era um símbolo habitualmente usado para representar o Egito e o Nilo, em especial nas moedas. Os autores ainda explicam que essa representação centrava-se no fato desse animal anfíbio ser frequentemente visto no solo egípcio e nas outras regiões que eram regadas pelo Nilo.



Tipo de moeda: denário – prata; período: c. 28 A.E.C. – VI consulado de Otaviano; região: península itálica; prancha: 29; referência: RIC 275-a.



Tipo de moeda: denário – prata; período: c. 28 A.E.C. – VI consulado de Otaviano; região: península itálica; prancha: 30; referência: RIC I 275-B.

As moedas de ambas as pranchas possuem as mesmas legendas inscritas. No anverso, vemos *CAESAR COS VI*, ou seja, César cônsul pela sexta vez. No reverso, há as seguintes palavras: *AEGVPTO CAPTA*, as quais podemos interpretar como “Egito capturado” (VALVERDE, 2014, p. 67-91).

O crocodilo com a legenda formula uma imagem sobre o processo de subjugação do Egito com as vitórias de Otaviano em Ácio e Alexandria, bem como o legitimava como governante. Pois, consideramos que Otaviano usou as moedas para manter no *imaginário social* da época um fato que lhe era de interesse. Tanto que essas moedas circularam por diversas regiões e em várias temporalidades. Cabe rememorar o caso da *Colonia Nemausus*, na província da Gália, por exemplo. Nessa região, podemos encontrar cunhagens com o tema da subjugação do Egito e contendo o repertório do crocodilo associado há novos elementos como as faces de M. Agripa e o já Augusto, assim como o crocodilo acorrentado em uma palmeira, simbolizando seu atrelamento a Roma ou a subjugação do Egito pelos romanos. O período de cunhagem foi extenso, ocorrendo entre 20 A.E.C. e 14 A.E.C. Os suportes detectados neste caso foram as moedas de dupôndio e asse de bronze.<sup>12</sup> Outra especificidade desta moeda é a ausência da legenda *AEGVPTOS CAPTA*, que foi substituída por *COL NEM*. Nesse caso, a legenda fixava o estatuto jurídico-administrativo desse lugar. Contudo, apesar de algumas alterações no repertório contido nessas moedas, não podemos ignorar que as mesmas fazem menções diretas ao processo da conquista de Otaviano sobre o Egito.

Em suma, o uso das moedas romanas como fonte histórica deve ser contextualizado com o segmento político dirigente do período como foi apontado por Christopher Howgego. Temos em vista que o poder se expressa de inúmeras formas e assim as imagens são veículos fortes para propagar ideias de soberania e valores sociais. A moeda, um dos suportes de representações imagéticas e gráficas, era objeto de uso cotidiano na sociedade, o que permitia uma constante exposição destas representações ao público. Como as áreas sob domínio romano na Península Itálica e fora dela eram extensas, as moedas funcionavam como uma forma de comunicação ao fixar no *imaginário social* os feitos de Otaviano enquanto vencedor de inimigos

que discursivamente eram expostos como geradores do caos social, nesse caso, Marco Antônio e Cleópatra VII. Enfim, esse tema não somente rememorava um feito como também servia de alerta para futuros opositores sobre o prestígio e poder que Otaviano detinha em Roma.

ABSTRACT

Octavian and the conquest of Egypt in numismatic representations of the Italian Peninsula, in 28 B.C.

The coins are precious sources of the historical evidences about the social dynamics, religious, economic and roman politics. Thus, our dialogue will be held with the Roman Numismatic, whose concerns are focused on the coins produced by Rome during the Republic and the Empire. In our view the coins acted as an instrument of political advertising, as well as organizers of hierarchies and social order. As a result, the coins may have been used for the political legitimacy of Octavian. To materialize this perspective we will discuss about the numismatic representations of Octavian, which were produced in 28 B.C., which ressaltavam its done as agent conqueror of Egypt in 30 B.C.

KEYWORDS

Coins, Octavian, power.

NOTAS

<sup>1</sup> Além das perspectivas apresentadas pela orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Regina Candido – UERJ, agradeço as leituras críticas e sugestões que foram efetuadas nesse artigo pelos professores doutores Carolina Kesser Barcellos Dias – UFPel e Daniel Barbo – UFAL.

<sup>2</sup> A moeda antiga é convencionalmente definida como uma peça padronizada de metal, as quais foram emitidas por alguma instituição ou político. A configuração física das faces da moeda são: na frente o chamado anverso e na parte traseira o reverso. Nessas faces do campo metálico também encontramos as legendas que são inscrições, frequentemente, abreviadas. Tais legendas podem ser colocadas ao redor do aro da moeda, bem como podem aparecer em linhas retas no centro do campo metálico. Ainda mencionamos as efigies, bustos e outras imagens de homens, animais, plantas, símbolos sociais, mitos e deuses que formam um *discurso* ao serem colocados nas moedas. Concepções elaboradas a partir do texto *Difusão cultural: a SNB nas escolas* (2009, p. 14-32); Charles R. Hedrick Jr. em *Ancient History: Monuments and Documents* (2006, p. 126-143); Claudio U. Carlan e Pedro Paulo Abreu Funari, em *Moedas: a numismática e o estudo da história* (2012, p. 19-28).

<sup>3</sup> Podemos compreender a numismática como uma ciência que estuda as moedas, papéis-moedas e medalhas levando em consideração os seus elementos formais e o funcionamento dos mesmos no meio social. Para o nosso recorte temporal, concebemo-la como um saber que atua sobre os objetos metálicos e assim refletindo suas configurações impressas no pedaço de metal, como em sua composição, valores econômicos, circulação e a própria comunicação que as mesmas veiculavam para as sociedades antigas e atuais (ASINS; ALONSO; MORÁN; MINÓN, 2009, p. 133; CARLAN; FUNARI, 2012, p. 19-28).

<sup>4</sup> O conceito de *Representações* designa as construções elaboradas acerca de um sujeito, um grupo e/ou um objeto no intuito de interpretar/explicar as *práticas* desempenhadas em um meio social. Todavia, as *representações* desenvolvidas em uma sociedade não são neutras e correspondem aos interesses dos grupos que as elaboraram (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 382-383).

<sup>5</sup> Iremos utilizar em nosso texto apenas o nome de Otaviano, por estarmos analisando acontecimentos políticos entre a sua adoção por Júlio César e a sua ascensão ao título de Augusto.

<sup>6</sup> O *mos maiorum* pode ser compreendido como o conjunto de costumes e valores tradicionais, passados pelos ancestrais, que devem ser mantidos para a manutenção da estabilidade social e identificação do ser romano (BUSTAMANTE, 2006, p. 112).

<sup>7</sup> Essencialmente, concebemos o *processo de apoderamento político* como um ato de elaboração relacional, no qual um agente particular ou uma associação institui-se sobre os outros grupos sociais utilizando-se de diversos instrumentos com o objetivo de controlar o poder (ALBA; D. MOORE, 1978, p. 167-187; MALKIN; CONSTANTAKOPOULOU; PANAGOPOULOU, 2009, p. 1-12; STOPPINO, 1998, p. 88-94; PFEFFER, 1982).

<sup>8</sup> O *imaginário social* pode ser compreendido como um elemento social “real” que, ao

ser identificado como um dispositivo simbólico, permite que os grupos sociais construam as suas respectivas identidades, possibilitando que haja a coesão entre os seus membros. Sendo assim, podemos conjecturar que, embora o imaginário social aparente ser um conceito subjetivo, a sua materialidade pode ser verificada a partir das práticas sociais dos sujeitos que dele se valem, sobretudo pela relação que o *imaginário social* mantém com o poder. (BACZKO, 1985).

<sup>9</sup> Quanto a essa datação estamos seguindo ao modelo proposto para Península Itálica pelo RIC, vol. 1, na página 59.

<sup>10</sup> Não deixando de assinalar que, em muitos períodos, o uso das moedas também conviveu com outras formas de trocas comerciais locais, assim permitindo sua acomodação e incorporação.

<sup>11</sup> Aqui remetemo-nos ao texto *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 261-306).

<sup>12</sup> Ver RIC I 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160 e 161.

#### REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

##### NUMISMÁTICA

RIC – **Roman Imperial Coinage**, vol. 1, segunda edição. Por C.H.V. Sutherland e R.A.G. Carson, Londres: Spike and Sons, 1984 (Primeira edição em 1923).

##### LITERATURA CLÁSSICA

CESAR AUGUSTO. **Res Gestæ (Coisas Feitas)**. Tradução Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez Rezende. Belo Horizonte: EdUFMG, 2007.

HORACIO. **Odas; Cantos sæculares; Epodos**. Tradução José Luiz Moralejo. Madrid: Gredos, 2007.

VELEYO DE PATERCULO. **História romana**. Tradução Maria Sanchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

SUETÔNIO. **Vida do divino Augusto**. Tradução Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez Rezende. Belo Horizonte: EdUFMG, 2007.

##### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, Richard; D. MOORE, Gwen. **Elite Social Circles: Sociological Methods and Research**. Vol. 07, n. 02, nov. 1978, p. 167-187.

ASINS, Carmen Alfaro; Alonso, Carmen Marcos; MORÁN, Paloma Otero; MINÓN, Paula G. **Diccionario de numismática**. Madrid: Ministerio de Cultura; Solana & Hijos, 2009.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et alii. **AnthroposHomem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BÉRARD, Claude. Iconographie; Iconologie; Iconologique. In: **Études de Lettres**, v. 4, Paris, 1983, p. 5-37.

BUSTAMANTE, Regina M. da Cunha. Práticas culturais no Império romano: entre unidade

- e a diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org.). **Repensando o Império romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006, p. 109-136.
- CACCAMO CALTABIANO, M. Il simbolismo del “Lepre”: influenze ideologico-religiose dell’Egitto sull’area dello Stretto riflesse dal documento monetale. In: BONACASA, N et. alii. **L’Egitto in Italia dall’Antichità al Medioevo**: atti congresso internazionale – Roma-Pompei (1995), n° 13-19, Roma, nov. 1998, p. 33-40.
- CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Moedas**: a numismática e o estudo da história. São Paulo: Annablume, 2012.
- CRAWFORD, Michael H. **Coinage and Money under the Roman Republic**: Italy and the Mediterranean Economy. California: University of California Press, 1985.
- DIAS, Carolina Kesser Barcellos. **O pintor de Gela**: características formais e estilísticas, decorativas e iconográficas. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.
- HEDRICK JR, Charles R. **Ancient History**: Monuments and Documents. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- HOWGEGO, Christopher. **Ancient History from Coins**. London: Routledge, 1995.
- LISSARRAGUE, François. **L’autre guerrier**: archers, peltastes, cavaliers dans l’imagerie attique. Images à l’appui, n° 3. Paris-Rome: Editions La Découverte; Ecole française de Rome, 1990.
- MALKIN, Irad; CONSTANTAKOPOULOU, Christy; PANAGOPOULOU, Katerina. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Greek and Roman Networks in the Mediterranean**. New York-USA: Routledge, 2009, p. 1-12.
- MEADOWS, A. R. Numismatics. In: ERSKINE, Andrew. **A Companion to Ancient History**. Oxford: Blackwell Publishing, 2009, p. 48-58.
- PFEFFER, J. **Organizations and Organizational Theory**. Marshfield: Pitman, 1982.
- PORTO, Vagner Carneiro. **Imagens monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana. Tomo I**: a moeda na Judeia/Palestina entres os séc. II a.C.-II d.C. – histórico e análises. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SEAR, David R. **Roman Coins and Their Values**: the millennium edition. vol. I. London: Spink, 2000.
- Sociedade Numismática Brasileira. Projeto Difusão Cultural: a SNB nas escolas. **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira**, n° 63, primeiro semestre - 2009, p.14-32.
- STEVENSON, Seth William; MADDEN, Frederic William. **A Dictionary of Roman Coins, Republican and Imperial**. London: G. Bell and Sons, 1889.
- STOPPINO, Mario. Autoridade. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Vol. I. Brasília: EdUNB, 1998, p. 88-94.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. **Augustan Rome**. London: Bristol Classical Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. Image and Authority in the Coinage of Augustus. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 76, 1986, p. 66-87.

VALVERDE, Luis Amela. Augusto antes de Augusto: la amonedación de C. Julio Octaviano en su imaginario. **Revista Numismática – OMNI. Special Issue: Bimillennium of Augustus death**, nº 08, 2014, p. 67-91.

ZANKER, Paul. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.